licere
Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - UFMG

"UM ENDEMONIADO QUE DÁ PORRADA A TORTO E A DIREITO": TURNÊS ARTÍSTICAS DA COMPANHIA DE FANTOCHES BRIGUELLA NO BRASIL (1890-1916)

Recebido em: 30/10/2025
Aprovado em: 15/05/2026
Licença:

Laís Vitória da Silva Fernandes[1]
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
Januária – MG – Brasil
https://orcid.org/0009-0002-6278-4720

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral[2]
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
Januária – MG – Brasil
https://orcid.org/0000-0002-3272-1174

Fábio Santana Nunes[3]
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Feira de Santana – BA – Brasil
https://orcid.org/0000 0001-6194-7562

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo investigar as turnês artísticas da Companhia de Fantoches Briguella pelo Brasil, entre os anos de 1890 e 1916, com ênfase na trajetória de seu fundador, Henrique Fornero. A pesquisa busca identificar as principais rotas percorridas pela trupe, os espetáculos oferecidos ao público, a composição e o perfil etário das plateias, bem como a forma como a imprensa repercutiu essas apresentações ao longo do tempo. O recorte cronológico adotado justifica-se por abranger todo o período em que foi possível localizar registros documentais da atividade da companhia, correspondendo, portanto, ao intervalo em que a trupe aparentemente esteve em funcionamento. Esta investigação configura-se como um estudo documental. As principais fontes consultadas foram jornais que circularam em diferentes regiões do Brasil, no período delimitado para a pesquisa. A coleta dos registros jornalísticos foi realizada de forma remota, por meio de navegação na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

[1] Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Campus Januária. Januária, Minas Gerais, Brasil. OORCID: https://orcid.org/0009-0002-6278-4720
[2] Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Campus Januária. Januária, Minas Gerais, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3272-1174
[3] Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Curso de Educação Física e Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000 0001-6194-7562

PALAVRAS-CHAVE: História. Cultura. Companhia de fantoches Briguella.

"A DEMON-POSSESSED MAN WHO HITS LEFT AND RIGHT": ARTISTIC TOURS OF THE BRIGUELLA PUPPET COMPANY IN BRAZIL (1890-1916)

ABSTRACT: This article aims to investigate the artistic tours of the Briguella Puppet Company across Brazil between 1890 and 1916, with particular emphasis on the trajectory of its founder, Henrique Fornero. The study seeks to identify the main routes traveled by the troupe, the performances offered to the public, the composition and age profile of audiences, as well as how the press reported on these presentations over time. The chosen chronological framework is justified by encompassing the entire period for which documentary records of the company's activities were found, corresponding, therefore, to the interval during which the troupe was apparently active. This investigation is configured as a documentary study. The main sources consulted were newspapers circulated in different regions of Brazil during the period defined for the research. The collection of press records was carried out remotely through searches in the Digital Newspaper Archive of the National Library of Brazil.

KEYWORDS: History. Culture Briguella puppet company.

Introdução

Em 1º de outubro de 1890, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, publicou uma correspondência oriunda da cidade de Uberaba, no interior de Minas Gerais, noticiando a passagem da Companhia de Fantoches Briguella pela localidade. Segundo o relato, o empresário de bonecos Sr. Henrique Fornero ofereceu "duas noites de espetáculos" ao público uberabense. Apesar da "concorrência diminuta", os artistas que manipulavam os fantoches receberam "calorosos aplausos dos espectadores" (Jornal do Comércio, 1890, p. 3).

Esse registro constitui, até o momento, a referência mais antiga conhecida sobre apresentações públicas da trupe de Fornero em território nacional. Com base nele, é possível supor que a fundação da companhia tenha ocorrido nesse mesmo ano e nesse mesmo contexto regional. Essa hipótese é reforçada por evidências posteriores: em dezembro de 1916, por ocasião de uma apresentação na cidade de Oliveira (MG), um

cronista anônimo da *Gazeta de Minas* referiu-se à "aparatosa Companhia de Fantoches Briguella", destacando que seu "hábil diretor, Sr. Henrique Fornero", carregava consigo a experiência de "26 anos percorrendo o Brasil" (Gazeta de Minas, Oliveira, 24 dez. 1916, p. 1). Essa informação sugere uma trajetória artística iniciada exatamente em 1890, o que coincide com o registro inaugural de Uberaba.

Além disso, entre 1890 e 1902, todos os registros localizados sobre as apresentações da companhia concentram-se no estado de Minas Gerais. O itinerário inicial, com espetáculos realizados em diferentes regiões mineiras, sugere, com razoável consistência, que o grupo tenha se originado nesse estado.[4]

Nesse período, os espetáculos com fantoches em Minas Gerais passaram por um processo de notável transformação. Tratava-se de uma modalidade já conhecida pelo público mineiro, com os primeiros registros documentais de exibições de bonecos remontando ao início do século XIX. As apresentações pioneiras, conhecidas como *presepes*, foram relatadas por viajantes estrangeiros e cronistas da imprensa da época. Consistiam em encenações de cunho religioso que, por meio do teatro de fantoches, representavam passagens das Escrituras católicas (Amaral; Dias, 2024).

Entre os principais nomes associados a esse gênero de espetáculo destaca-se José Ferreira, descrito como "sacristão", "escultor", "sineiro", "pintor", "decorador", "ator" e "autor dramático", que se especializou, por volta de 1840, na arte de fabricar e manipular títeres. Sua obra inaugural, segundo um relato memorialístico publicado no

[4] Conforme indicam as fontes consultadas, os municípios visitados pela Companhia de Fantoches Briguella, suas respectivas regiões e os períodos de turnê podem ser organizados de forma cronológica da seguinte maneira: em 1890, Uberaba, na região do Triângulo Mineiro (Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1 out. 1890, p. 3); em 1895, Diamantina, no Norte de Minas (O Município, Diamantina, 15 jun. 1895, p. 1); em 1897, São João Nepomuceno, na Zona da Mata Mineira (A Lei, São João Nepomuceno, 11 jul. 1897, p. 2); em 1898, São João del-Rei, na região Oeste do estado (O Resistente, São João del-Rei, 27 out. 1898, p. 2); também em 1898, Oliveira, igualmente situada no Oeste mineiro (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 nov. 1898, p. 1); e, em 1902, Juiz de Fora, novamente na Zona da Mata Mineira (O Pharol, Juiz de Fora, 25 jan. 1902, p. 2).

jornal *O Estado de Minas*, da antiga capital Ouro Preto, em 1896, foi *A Criação*, peça que representava "o deus supremo, tranquilo e conscientemente", entregando-se "à fabricação do mundo" (O Estado de Minas, 1896, p. 1).

Por volta da década de 1870, fontes jornalísticas passaram a registrar a presença de espetáculos de fantoches entre as atrações oferecidas por circos e companhias ambulantes de variedades em turnê por Minas Gerais. Destacam-se, entre outros exemplos, o Circo Olímpico, que exibiu os "muito aplaudidos bonecos endiabrados" em Diamantina, em 1876 (O Monitor do Norte, p. 4). Outro caso notável é o da Companhia Excêntrica de Variedades, que levou os "Fantoches Americanos" a Juiz de Fora, em 1892 (O Pharol, 1892, p. 3).

Na década seguinte, já se encontram os primeiros registros de turnês realizadas por companhias dedicadas exclusivamente ao gênero de fantoches. Ainda que recebessem atenção relativamente reduzida, quando comparadas aos espetáculos de circo, mágica, música ou teatro ambulante que, em geral, ocupavam colunas mais extensas e detalhadas (Amaral; Dias, 2024), observa-se uma progressiva inserção das apresentações de títeres no circuito teatral mineiro, ultrapassando os limites das celebrações religiosas e alcançando os palcos seculares. Entre dezembro de 1882 e março de 1883, por exemplo, o Teatro de Bonecos e a Companhia de Bonecos apresentaram-se na cidade de Juiz de Fora (O Pharol, 1882, p. 3; 1883, p. 1).

O ano de 1884 marca um momento de significativo impulso na popularização do teatro de fantoches em Minas Gerais, processo que teve como agente catalisador a excursão da então "renomada" Companhia de Fantoches João Minhoca. Conforme aponta Freire (2000), a trupe foi fundada no Rio de Janeiro, no início da década de 1880, por iniciativa do tipógrafo João Baptista Avalle, que, anteriormente, havia

trabalhado com um grupo italiano especializado em títeres, adquirindo experiência durante a passagem desse conjunto pela então capital federal, nos anos de 1879 e 1880. Dos fantoches criados por Avalle, segundo jornais cariocas, uma coleção que reunia "um pessoal de cerca de 300 figuras" (A Folha Nova, Rio de Janeiro, 17 dez. 1883, p. 2), destacava-se João Minhoca, personagem baiano, negro e malandro, tão notório que seu nome acabou por se confundir com o da própria companhia.

Após temporadas bem-sucedidas no Teatro Polytheama, no centro do Rio de Janeiro, e no Salão do Hotel Bragança, em Petrópolis, o "genial autômato *Baptista dos Bonecos*" chegou a Juiz de Fora, iniciando, em solo mineiro, sua primeira turnê além dos limites do estado fluminense. O espetáculo de estreia, realizado em 13 de maio, marcou a primeira ocasião em que a imprensa mineira cobriu, com certo detalhamento, esse gênero artístico. Tal atenção se justificava. Conforme nota publicada no jornal *O Pharol*, "logo que pela primeira vez põe em público os seus endiabrados e automáticos bonecos, conquista uma enchente tal que era difícil caber-se no antigo salão da Câmara Municipal" (O Pharol, Juiz de Fora, 13 mai. 1884, p. 1). Ao longo da semana seguinte, o "theatro- especimen intitulado João Minhoca" apresentou-se "diariamente", com sessões descritas como "sempre concorridas" (O Pharol, Juiz de Fora, 20 mai. 1884, p. 1).

No mês de agosto, há registros da companhia em atividade na antiga capital mineira, Ouro Preto. Em breve nota publicada pelo jornal *A Província de Minas*, informava-se que "o Sr. Baptista, diretor do teatrinho de bonecos conhecido por João Minhoca continua a dar seus espetáculos nesta cidade, com muita aceitação do público" (A Província de Minas, Ouro Preto, 21 ago. 1884, p. 3).

Em anos posteriores, a companhia de teatro de bonecos retornou a Minas Gerais, promovendo novas turnês e consolidando, de forma definitiva, o protagonismo dos títeres nas atrações cênicas. Em 1885, há registros de apresentações no Teatro São Cândido, na cidade de Campanha (Nogueira Júnior, 2017). No ano seguinte, os espetáculos chegaram à cidade de Mar de Espanha (O Pharol, Juiz de Fora, 24 nov. 1886, p. 1). Em outro registro, datado de 1890, consta que "a companhia João Minhoca, da qual é diretor o Sr. Baptista, já conhecido em diversos pontos deste estado", hospedou-se novamente na sede de Juiz de Fora, onde, entre o final de abril e o mês de maio, realizou apresentações semanais no Teatro Provisório. Todas essas exibições repercutiram amplamente na imprensa local, com destaque para expressões como "enchente de expectadores", "numerosos aplausos" e "atuação memorável" do "impagável João Minhoca" (cf. O Pharol, Juiz de Fora, 29 abr. 1890, p. 1; 15 mai. 1890, p. 1; 17 mai. 1890, p. 1; 21 mai. 1890, p. 1).

É nesse cenário de consagração artística e comercial dos espetáculos de fantoches, especialmente devido à ampla repercussão positiva na imprensa das turnês realizadas por diversas regiões de Minas Gerais pela Companhia de Fantoches João Minhoca, que o empresário Henrique Fornero funda sua própria trupe dedicada a esse gênero de teatro de bonecos. Observa-se, inclusive, uma provável influência da estrutura organizacional e do modelo de negócios adotados por Baptista na configuração assumida por Fornero, evidência que reforça a filiação estética e empresarial entre as duas companhias.

Em ambas as companhias, as encenações eram marcadas pela centralidade das ações na figura do fundador-proprietário. Essa característica é explicitada por Baptista em uma crônica de João do Rio, na qual o empresário declara: "Quem movera os

bonecos? Eu. Quem escreveria as peças? Eu. Quem falaria? Eu" (Rio, 1911, p. 291). No caso de Fornero, os indícios apontam para uma configuração semelhante: os registros jornalísticos destacam exclusivamente o empresário e seus personagens, relatando que diversas cenas se estendiam, uma vez que, além de manipular e interpretar, cabia-lhe também a tarefa de trocar os figurinos.

Outro elemento que reforça essa similitude é a escolha de um personagem principal que assume o papel de carro-chefe das apresentações: João Minhoca, no repertório de Baptista; Briguella[25], no de Fornero. Nesses termos, vale destacar que, ao longo de sua trajetória, a Companhia Briguella atuou em um ambiente cênico já profundamente marcado pela atuação expressiva da Companhia de Fantoches João Minhoca, cuja repercussão contribuiu para consolidar o gênero no imaginário teatral da época.

À vista desse contexto histórico, o presente artigo tem como objetivo investigar as turnês artísticas da Companhia de Fantoches Briguella pelo Brasil, entre os anos de 1890 e 1916, com ênfase na trajetória de seu fundador, Henrique Fornero. A pesquisa busca identificar as principais rotas percorridas pela trupe, os espetáculos oferecidos ao público, a composição e o perfil etário das plateias, bem como a forma como a imprensa repercutiu essas apresentações ao longo do tempo. O recorte cronológico adotado justifica-se por abranger todo o período em que foi possível localizar registros

[5] O personagem Briguella insere-se na tradição da *Commedia dell'arte*, expressão teatral surgida na Itália do século XVI, que exerceu profunda influência sobre as práticas cênicas da época, incluindo o teatro de fantoches, difundindo-se posteriormente por toda a Europa. A *Commedia* caracterizava-se, de modo geral, pela improvisação das falas, pelo uso de máscaras e pela presença de personagens fixos, sendo representada em praças, ruas e feiras (Nicoll, 1976). No interior desse universo destacavam-se os *Zanni*, criados cômicos que funcionavam como "molas propulsoras de toda a ação, criadores dos imbróglios e da comicidade ao tentar solucioná-los". Briguella figurava entre esses tipos, apresentando-se como personagem astuto e espirituoso, responsável por sustentar a intriga, ridicularizar adversários e persuadir os demais personagens (Postal, 2011). Convém assinalar, contudo, que a análise aprofundada da relação entre a denominação da companhia e a atuação de seu personagem principal com a tradição da *Commedia dell'arte* ultrapassa os objetivos desta pesquisa, podendo constituir objeto de uma investigação específica em outra ocasião.

documentais da atividade da companhia, correspondendo, portanto, ao intervalo em que a trupe aparentemente esteve em funcionamento.

Estratégias da Pesquisa

Esta investigação configura-se como um estudo documental. As principais fontes consultadas foram jornais que circularam em diferentes regiões do Brasil, no período delimitado para a pesquisa. A coleta dos registros jornalísticos foi realizada de forma remota, por meio de navegação na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (https://hemerotecadigital.bn.gov.br/), plataforma que reúne um acervo expressivo de periódicos e revistas, nacionais e estrangeiros, publicados entre os séculos XIX e XX, muitos dos quais constituem exemplares raros ou já fora de circulação (Almeida, 2013). Utilizando o sistema de busca por palavras-chave, com recortes por décadas e abrangência nacional, foram empregados os seguintes termos, isoladamente ou em combinações: "Bonecos", "Briguella", "Fantoches", "Henrique Fornero", "João Baptista Avale" e "João Minhoca".

Foram encontrados registros que mencionam temas relacionados ao universo dos títeres, dentro do escopo de interesse deste estudo, nos seguintes jornais, com seus respectivos anos de publicação e localidades: Jornal do Comércio (1890), A Folha Nova (1883), O Fluminense (1903), O Paiz (1903), Jornal do Brasil (1904) e Jornal do Comércio (1890), todos do Rio de Janeiro; Correio Paulistano (1904, 1906, 1907, 1912, 1913), de São Paulo; Gazeta de Oliveira (1898, 1899) e Gazeta de Minas (1916), de Oliveira; O Estado de Minas (1896) e A Província de Minas (1884), de Ouro Preto; O Monitor do Norte (1876) e O Município (1895), de Diamantina; A Lei (1897), de São

João Nepomuceno; O Resistente (1898), de São João del-Rei; e O Pharol (1882, 1883, 1884, 1886, 1890, 1891, 1892), de Juiz de Fora.

As limitações deste estudo dizem respeito, sobretudo, à imprecisão dos processos de busca na Hemeroteca Digital. Páginas danificadas, ilegíveis ou instabilidades no

sistema podem comprometer a eficácia do rastreamento, impactando, por conseguinte, a abrangência da pesquisa. Além disso, práticas culturais populares, notadamente aquelas promovidas por companhias artísticas de menor projeção, como a Companhia de Fantoches Briguella, nem sempre encontram registro consistente nos documentos escritos que chegam aos historiadores. Ainda assim, eventuais lacunas documentais não devem inibir os esforços interpretativos voltados à compreensão dessas manifestações. Como afirmam Amaral e Dias (2024, p. 21): "A própria disponibilidade documental pode ser parte do sistema de reprodução de valores hegemônicos, que deve, assim, ser considerada de maneira crítica e à luz do contexto social e cultural mais geral de sua época".

"Façanhudo Herói das Mil Proezas"

Em meados de junho de 1895, isto é, cinco anos após o registro inaugural, o jornal *O Município*, de Diamantina, no Norte de Minas, anunciava que "a Companhia Briguella, que é diretor o Sr. Henrique Fornero, recentemente chegada a esta cidade, dará o seu espetáculo brevemente, relegando a meninada pequena e grande com as proezas de seus maravilhosos bonecos" (O Município, Diamantina, 15 jun. 1895, p.1). Uma semana após o desembarque, na sexta-feira, dia 22, ocorreu a estreia em um "teatrinho improvisado na Cavalhada Nova". A partir de então, as apresentações

passaram a ocorrer com regularidade, e os bonecos obraram "maravilhas no proscênio, chamando à plateia uma concorrência numerosa de espectadores".

No decorrer das apresentações, a polícia precisou, por duas vezes, suspender a entrada do público, alegando aglomeração desordenada e ausência de controle adequado de acesso. Diferentemente dos empreendimentos artísticos dotados de maior capacidade empresarial e financeira, que, em turnês por Diamantina, apresentavam-se na principal casa de espetáculos da cidade, o Teatro Santa Isabel, e divulgavam suas atrações por meio de anúncios pagos na imprensa local, como a Companhia Boldrine & Correa (1888), a Companhia Coimbra (1899) e o transformista John Brigdes (1901) (Oliveira, 2016), o Sr. Fornero atuava com uma estrutura visivelmente precarizada.

Além da ausência de publicidade nos periódicos, os bonecos, como mencionado anteriormente, foram levados ao palco de um "teatrinho improvisado na Cavalhada Nova", espaço exíguo, com mínimas condições de conforto e majoritariamente frequentado por públicos oriundos dos estratos sociais mais populares. Essa configuração, contudo, não passou despercebida por cronistas anônimos, que teceram críticas tanto à modéstia do local quanto à composição social da plateia:

> [...] o auditório se confunde numa massa negra, cerrada e compacta, ficando os espectadores uns sobre os outros, colados as paredes, à bancada da música, as costas dos vizinhos, inclinando-se, movendo-se, desenvolvendo tal calor, que em plena estação fria, fica-se ali como se estivesse num forno, com as honras de biscoito (O Município, Diamantina, 22 jun. 1895, p. 2).

A companhia estreou com a peça *A Fada Morgana* e, nos dias seguintes, apresentou *O Cemitério Encantado* e *O Infanticida ou Assassino do Próprio Sangue*, sendo todos muito apreciados pelo público, especialmente o último, descrito como "história real de uma comovente tragédia, passada em Mendonça, na Itália". Entre os bonecos de Fornero, destacava-se Briguella, "estrepitosamente aplaudido", que, graças ao seu "perfeito mecanismo", parecia "mais a caráter que os outros". Um cronista

anônimo chegou a descrevê-lo como um "endiabrado boneco", verdadeiro "pau para toda obra". Segundo o relato publicado na imprensa local: "A situação das gargalhadas repetidas, insistentes e estrondosas, os espectadores a encontra nas espirituosas comédias, onde o boneco Briguella é façanhudo herói de mil proezas, fazendo coisas do arco da velha" (O Município, Diamantina, 22 jun. 1895, p. 2).

Em julho de 1897, quando se tornam disponíveis novas informações sobre a companhia, o Sr. Fornero já se encontrava na Zona da Mata mineira, promovendo espetáculos em um palco improvisado no interior da tipografia do jornal *A Lei*, na cidade de São João Nepomuceno. Segundo um breve relato da própria folha que cedeu o espaço de suas oficinas, datado do dia 11, "o Teatro de Fantoches" havia realizado quatro espetáculos "muito concorridos e apreciados pelo povo". Apesar de "algumas queixas dos longos intervalos", motivadas pela necessidade de "mudar as roupas dos atores e caracterizá-los de novo para poder entrar em cena", numa tentativa de mitigar "a pobreza de pessoal", as "espirituosas façanhas do impagável Briguella", "o único que vem sempre com a mesma cara" e que "gosta imensamente de um rolo", remediavam qualquer possível descontentamento. No decorrer das apresentações, um cronista que acompanhava os trabalhos destacou, em tom de ironia, sua solidariedade ao personagem Martinho: "este coitado, sofre nas unhas do Briguella. Todas as vezes que vem a cena, volta com a aza quebrada" (A Lei, São João Nepomuceno, 11 jul. 1897, p. 2).

Pouco mais de um ano depois, a trupe automática encontrava-se excursionando pela região do Oeste mineiro. No dia 20 de outubro de 1898, quinta-feira, o jornal *O Resistente*, de São João del-Rei, anunciava a estreia dos "aplaudidos bonecos mágicos da Companhia Briguella, que é diretor o Sr. Henrique Fornero". Na ocasião, seria representada "a fantástica peça *A Fada Morgana ou A Mulher Serpente* e a comédia

Passa a Dor de Barriga, terminando o espetáculo com bailados, valsas, polkas e quadrilhas dançadas ao natural pelos Fantoches". O periódico alertava para o rigor do início da função, "às 8 horas em ponto", sugerindo que a meninada estivesse "a postos para se divertir, até não poder mais... e os marmanjos também" (O Resistente, São João del-Rei, 20 out. 1898, p. 2).

Na quinta-feira da semana seguinte, o mesmo jornal repercutia a "função de despedida" dos bonecos, que haviam feito "o deleite da criançada em espetáculos animados e de muita gargalhada". Foi levada ao palco a peça inédita "O Sapateiro Romano e a comédia Passa a Dor de Barriga, repetida a pedido". A turnê encerrava-se com uma queixa dos cronistas locais, desejando melhor sorte em outros pontos e que "não falte gente ao empresário", o que contrastava com o ocorrido na sede são-joanense, onde o Sr. Fornero encontrou "pano rasgado", o que seria "prova contra a nossa educação e costumes" (O Resistente, São João del-Rei, 27 out. 1898, p. 2).

No mês seguinte, a companhia já se encontrava excursionando pela cidade vizinha de Oliveira. Segundo registro publicado em uma folha local, no dia 20, domingo, o "Teatro de Fantoches, que é dirigido pelo Sr. Henrique Fornero", havia realizado alguns espetáculos. Em nota, um cronista alertava o público de que "não são estes fantoches a última palavra no gênero; há melhores e mais perfeitos". Além de destacar que os espetáculos "não são de primeira ordem", o cronista criticava a localização do teatro, "distante da parte central", o que fazia com que muitas famílias deixassem de assistir às apresentações "já pela grande distância a que se acha o teatro" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 nov. 1898, p. 1).

De outra parte, embora permeada de críticas e lamentos que reforçavam o aspecto de precariedade do grupo, noticiou-se a presença de uma "regular

concorrência", na qual os bonecos proporcionavam ao público "gargalhadas francas e aplausos frenéticos, especialmente das crianças, que acham este *Teatro* o *non plus ultra*". Entre os personagens da companhia, o "distinto Briguella, o herói de todos os dramas e comédias, o valente e destemido que dá bordoada *à tort et à travers*, o que vence todas as dificuldades e resolve todas as situações", destacou-se como o mais relevante, descrito como "um valentão, e também um espirituoso, rude, mas muito engraçado que desperta gerais simpatias" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 nov. 1898, p. 1).

Na semana seguinte, a imprensa noticiava que o "Teatro de Fantoches tem continuado a dar espetáculos sempre concorridos", atraindo "a criançada e até os que já não são crianças", que admiravam, sem se cansar, as "proezas de Briguella", cuja atuação foi descrita de forma mais detalhada:

> Briguella, que, de bambu em punho, faz tudo em cacos, dando bordoada em penca, sem respeitar povo, nobreza ou clero. Uma causa boa tem Briguella ao seu favor: só advoga as boas causas; daí a simpatia pela sua semiscarunlia pessoa e o respeito pelo seu braço forte, sempre pronto para assistir com o bambu (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 27 nov. 1898, p. 1).

Ao término da turnê, um cronista que assinava com o pseudônimo de D. Fuas queixou-se da "falta de conforto" da sala de espetáculos, ironizando: "Mas um cumprimento a um, um cavaco a outro, um sorriso... ora esta! Não é que eu ia me esquecendo da minha gravidade de velho e... etc.?". Por outro lado, o mesmo cronista registrou: "enquanto esteve na cidade o tal *Teatro dos Fantoches*, faltei apenas a um espetáculo por doença" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 11 dez. 1898, p. 2). Essa passagem evidencia um traço relevante do público que frequentava os espetáculos automáticos: embora as crianças ocupassem o centro das atenções, os bonecos também despertavam interesse "aos que já não são crianças". Assim, muitas famílias acompanhavam a petizada "barulhando em risadas estridentes", e adultos, e até idosos,

encontravam nas peças encenadas pelos títeres formas de diversão próprias. Foi o caso do cognominado D. Fuas e, certamente, de muitos outros contemporâneos.

Em agosto do ano seguinte, encontrava-se novamente em Oliveira "a célebre e apreciada Companhia Briguella, dirigida pelo Sr. Henrique Fornero, hábil artista que tantas simpatias angariou no nosso público". Diferentemente da passagem anterior, em que os espetáculos foram realizados em um espaço improvisado, afastado da parte central da cidade, a imprensa noticiou que desta vez seriam apresentados em um "pavilhão especial" levantado no "Largo da Matriz", oferecendo "melhores acomodações" e um "amplo palco", no qual Briguella poderia desenvolver suas habilidades "mais à vontade". Além das melhorias estruturais, a nota destacava profundas modificações no corpo cênico, prometendo, o Sr. Fornero, "novos trabalhos com figuras novas e muito aperfeiçoadas" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 ago. 1899, p. 2).

A nova temporada teve duração de aproximadamente 45 dias, durante os quais foram oferecidos "alguns espetáculos, com regular concorrência". A imprensa local destacou a encenação de dramas apresentados pela primeira vez na cidade, que receberam "aplausos do público", entre eles: *Santa Margarida de Cotrona*, *O Centeio encantado*, *Os dois corcundas de Damasco* e *A vida de Pedro Malazarte*. Novamente, tal como na turnê anterior, as notas jornalísticas concentraram seus elogios nas "proezas do Briguella": "Briguella, o impagável e chistoso Briguella, esse tem sido o encanto e a admiração da criançada que vê nele um endemoniado que dá bordoada a torto e a direito, faz rolos, arma mentiras e carapetões, e por fim sai sempre de todas as embrulhadas que preparou" (Gazeta de Oliveira, Oliveira, 9 out. 1899, p. 2).

No final de janeiro de 1902, quando novas informações sobre a trupe voltaram a estampar os jornais, Briguella surgia em cena, na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. A temporada estendeu-se por 13 dias, entre 25 de janeiro e 6 de fevereiro, período em que foram noticiados cinco espetáculos, todos marcados por expressiva presença de público, com a imprensa recorrendo a termos como "muito boa concorrência", "excelentes casas" e "enchente a cunha" (cf. O Pharol, Juiz de Fora, 25 jan. 1902, p. 2; 26 jan. 1902, p. 2; 28 jan. 1902, p. 2; 5 fev. 1902, p. 2; 8 fev. 1902, p. 2).

Apesar de algumas melhorias na estrutura material e artística da Companhia Briguella, observadas em sua passagem anterior por Oliveira, esses avanços ainda eram bastante limitados. Em um dos espetáculos realizados em Juiz de Fora, um cronista ironizou o repertório de personagens ao destacar que "apenas dois bonecos são mecânicos", "Briguella e Martinho", enquanto os demais seriam "uns estafermos". Além disso, reforçou o caráter popular da companhia ao referir-se ao público como "zé povinho" (O Pharol, Juiz de Fora, 5 fev. 1902, p. 2). Essa realidade contrastava com a turnê, na mesma cidade, de uma trupe estrangeira do mesmo gênero artístico, que dispunha de maior capacidade empresarial para investir em pessoal, confecção de bonecos, aluguel de espaços e anúncios na imprensa.

Fundada em 1883, a Companhia de Fantoches Mexicanos desembarcou no Brasil no final de 1890, após apresentações nas "principais cidades da América do Norte". Inicialmente, percorreu os estados do Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, chegando a Juiz de Fora no início de 1891 (Amaral; Silveira; Nunes, 2025). Na ocasião, apresentou-se no Teatro Novelli, principal casa de espetáculos da cidade, frequentada por público seleto, e divulgou todas as suas funções em periódicos locais. Os principais números foram elogiados em extensas notas publicadas na primeira

página do jornal *O Pharol*. A título de exemplo, destaca-se a cobertura da função inaugural:

> Teatro Novelli
> Realizou-se, anteontem, a estreia da Companhia Autómatos Mexicanos. O programa foi executado à risca e com extraordinária perícia por aqueles artistas pequeninos, liliputianos, de palmo e meio de altura, mas corretos, exímios, como temos visto poucos de carne e osso.
> Acrobatas, dançarinos, palhaços, toureadores, em todos esses papéis revelaram os endiabrados bonecos difíceis e variados trabalhos, intercalados de cenas de um cômico irresistível.
> O sucesso da noite foi a grande tourada no estilo Espanha e México. Os toureiros mostraram-se peritos e destemidos, e o touro, de uma ferocidade nunca vista, tanto que deitou por terra um cavaleiro e tirou as calças a um palhaço, que mesmo em menores, deu sortes esplendidas, fazendo rir a bandeiras despregadas (O Pharol, Juiz de Fora, 8 mar. 1891, p. 1).

A capacidade econômica de uma companhia de bonecos refletia-se na diversidade e qualidade de seus personagens, no acesso a espaços de prestígio frequentados por públicos mais refinados e na veiculação de propagandas pagas (os reclames). Esses fatores favoreciam, como ocorreu no caso dos Autómatos Mexicanos, uma cobertura espontânea mais frequente e detalhada, "dado o interesse que tais arranjos poderiam despertar em editores e redatores, usualmente bastante empenhados em atividades capazes de simbolizar cosmopolitismo e modernidade" (Amaral; Dias, 2024, p. 11). Em contrapartida, a ausência dessas condições parece explicar, sobretudo em cidades maiores e com maior oferta de espetáculos, o desinteresse dos cronistas em registrar, com o mesmo tom elogioso e a mesma extensão das notas, companhias populares e de menor porte, que não despertavam igual entusiasmo da imprensa. Não por acaso, os espetáculos da empresa do Sr. Fornero receberam apenas breves menções nos jornais de Juiz de Fora, em geral limitadas à atuação de Briguella e sem referências precisas ao local das apresentações. Quando as notas se tornavam mais desenvolvidas, predominava um tom irônico ou depreciativo, como na qualificação da maioria dos bonecos como "uns estafermos", ou do público como "zé povinho".

No ano seguinte, registros jornalísticos apontam os primeiros espetáculos da Companhia de Fantoches Briguella fora dos limites de Minas Gerais. Em outubro de 1903, o grupo se apresentou no Largo da Memória, em Niterói, Rio de Janeiro. Nessa ocasião, a companhia passou a veicular anúncios pagos de suas funções em periódicos locais, como *O Paiz* e *O Fluminense* (Imagens 1 e 2). A excursão pelo estado carioca, associada ao uso de um palco em região central e aos investimentos em reclames, revela um novo momento do empreendimento do Sr. Fornero. A imprensa niteroiense, em contraste com parte das notícias publicadas durante as turnês em cidades mineiras, que ora registravam aspectos positivos, ora recorriam a críticas e ironias, destacou de forma consistente a turnê, registrando elogios frequentes e incentivando o público a comparecer às apresentações.

Figuras 1 e 2: Anúncios do mesmo espetáculo da Companhia de Fantoches Briguella em Niterói, veiculados nos jornais *O Paiz* e *O Fluminense* (1903).





Fonte: cf., respectivamente, O Paiz, Rio de Janeiro, 22 out. 1903, p. 4; O Fluminense, Rio de Janeiro, 22 out. 1903, p. 4.

A estreia, "que agradou muito", ocorreu no dia 16, sexta-feira, com a apresentação da peça *Fada Morgana*, descrita como "uma boa pantomina", seguida pelo *Baile de Fantoches*, que recebeu "francos aplausos" (O Paiz, Rio de Janeiro, 18 out.

1903, p. 2). No dia 18, domingo, realizou-se nova função, com a peça *Cemitério Encantado*, na qual Briguella, "engajado no rei de Marrocos", proporcionou "as delícias da plateia", encerrando com o *Baile de Fantoches*, que "agradou bastante aos espectadores" (O Paiz, Rio de Janeiro, 18 out. 1903, p. 2). No dia 22, quinta-feira, foi encenado o drama em três atos *O Sapateiro Romano*, "com Briguella feito príncipe", repetindo-se o *Baile de Fantoches*, atração que, segundo a publicação, recebia "gerais aplausos" do "grande número de famílias" presentes no "pavilhão" (O Paiz, Rio de Janeiro, 23 out. 1903, p. 2). No sábado, dia 24, ocorreu mais um espetáculo, com o "diretor, o tanto aplaudido artista Sr. Henrique Fornero", encenando, pela primeira vez, "o grande e aparatoso drama em três parte *Os dois irmãos rivais*, com Briguella deportado ao deserto da Sibéria" (O Fluminense, Rio de Janeiro, 24 out. 1903, p. 4).

No dia 27 de outubro, ao noticiar o espetáculo realizado dois dias antes, em 25, domingo, o jornal *O Fluminense* destacou que, com "atraentes funções muito concorridas" e "Briguella realizando coisas extraordinárias", os fantoches ocupavam o posto de destaque da temporada. Em uma coluna intitulada *Revelações*, redigida no formato de uma conversa "entre colegas", o periódico enfatizava o sucesso obtido pelo grupo e, de modo indireto, buscava aguçar o interesse do público niteroiense. No diálogo, lia-se: "Não deixas de ir às funções dos *Fantoches*, observa Valentin ao chefe... Pudera, responde este, se quando ali naquela praça trabalhava o Circo Spinelli e havia briga eu lá estava, imagina agora estando os fantoches Briguella!" (O Fluminense, Rio de Janeiro, 27 out. 1903, p. 3).

Nos dias 29 e 30 de outubro, quinta e sexta-feira, a imprensa de Niterói registrou os dois últimos espetáculos da temporada na cidade. Na quinta-feira, foram encenados o drama *Fada Morgana ou a Mulher Serpente*, com Briguella no papel de "salvador da

filha do rei da Pérsia", e a comédia *Passa dor de barriga*. Já na sexta-feira, apresentou-se o quadro chistoso *Vivandeira do Regimento*, no qual Briguella surgia como "médico à força". Em ambas as apresentações, como de costume, os espetáculos foram encerrados com o *Baile de Fantoches* (O Fluminense, Rio de Janeiro, 31 out. 1903, p. 2). Na despedida da companhia, a coluna *Revelações* publicou mais uma nota dedicada ao grupo, reforçando a articulação entre a maior solidez econômica do empreendimento do Sr. Fornero e a visibilidade conquistada na imprensa local. Nesse momento, noticiava-se a intenção de organizar uma subscrição de apreço em favor de Briguella: "O chefe Marinho já pensa em organizar uma subscrição afim de ser levada a efeito uma manifestação de apreço ao Briguella... Pelo preço vale a manifestação de apreço e por isso me apresso em subscrever 100 réis" (O Fluminense, Rio de Janeiro, 31 out. 1903, p. 3).

No início de 1904, breves notas jornalísticas registravam que "o teatro dos fantoches Briguella" permanecia em atividade no estado do Rio de Janeiro, alcançando "grande sucesso" na cidade de Mendes (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 jan. 1904, p. 3). Poucos meses depois, em maio, o *Correio Paulistano* noticiava que "a companhia Fantoches Briguella, do artista Henrique Fornero" encontrava-se em excursão pelo estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Cruzeiro, onde oferecia "uma série de espetáculos com casas mais que regulares" (Correio Paulistano, São Paulo, 15 mai. 1904, p. 3). A partir desse momento e até 1913, o percurso da companhia se torna pouco documentado nos arquivos do período, aparecendo apenas de maneira esparsa, em fragmentos de notas publicadas pela imprensa da capital paulista.[36] Embora

[6] Para os municípios do interior paulista onde a companhia provavelmente se apresentou, não se preservam coleções jornalísticas referentes ao período, disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Essa lacuna ajuda a explicar a concentração dos registros apenas nos periódicos da capital, veiculadas sobretudo por meio de telegramas enviados por correspondentes.

descontínuos, esses registros convergem na indicação de que o grupo manteve longas temporadas dedicadas a turnês pelo interior do estado.

Em maio de 1906, a Companhia de Fantoches Briguella encontrava-se na cidade de Rio Claro, "que tem dado uma série de espetáculos" (Correio Paulistano, São Paulo, 5 maio 1906, p. 2). Em janeiro do ano seguinte, os títeres se apresentavam, "com grande sucesso", na cidade de Tatuí (Correio Paulistano, São Paulo, 15 jan. 1907, p. 7). Em maio de 1912, novas informações registram "espetáculos muito concorridos" em Atibaia (Correio Paulistano, São Paulo, 7 maio 1912, p. 2). Já em março de 1913, a última notícia localizada sobre a excursão do grupo pelo interior paulista indica a segunda apresentação do "sr. Briguella, com seus fantoches" no Cinema-Teatro da cidade de Lorena (Correio Paulistano, São Paulo, 1 mar. 1913, p. 4).

Passada mais de uma década desde a despedida do sr. Fornero dos palcos de Minas Gerais, a imprensa estadual, no final de 1915, registrou uma nova turnê da companhia pelo estado, que incluía, vinte anos após a passagem anterior, uma apresentação na cidade de Diamantina. A imagem do grupo, entretanto, já não parecia a mesma de sua última estadia na cidade, quando se deparou com o tom hostil da imprensa, a precariedade do espaço teatral e as proibições da polícia. Dessa vez, a trupe chegava "aumentada", com "belos e vistosos cenários" e de "efeito deslumbrante". Sua turnê foi comentada pelo jornal *A Estrella Polar*, que destacou a atuação do personagem principal da trupe, bem como a presença e os aplausos do público: "A companhia de Fantoches tem fornecido ao público boas noitadas, fazendo o impagável Briguella as delícias da meninada, que não cessa de aplaudir as suas diabruras" (Oliveira, 2016, p. 92).

Em novembro do ano seguinte, a "Companhia de Fantoches dirigida pelo sr. Henrique Fornero" visitou a cidade de Oliveira, "que há anos, tanto nos fez rir com os ditos engraçados que punha na boca dos seus fantoches". Confirmando as percepções da imprensa de Diamantina, um cronista anônimo do jornal *Gazeta de Minas* registrou que "desta vez vem a companhia muito melhorada e aumentada, com excelente pavilhão que dispõe de todas as comodidades" (Gazeta de Minas, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1). Novamente, tal como ocorrera na cidade do Norte de Minas, o tom crítico e irônico das folhas jornalísticas, assim como a precariedade e improvisação dos espaços de apresentação observadas na passagem anterior, cederam lugar a uma estrutura de maior investimento em cenários e em casas de espetáculos, atraindo um público mais "seleto". No caso de Oliveira, a companhia se instalou no Cinema Oliveirense, espaço que recebia turnês de importantes empreendimentos artísticos itinerantes, a exemplo do dueto Pepe-Otero, do ilusionista prof. Conde Titemistocele, da Companhia Lírica Juvenil Cittá di Roma, da Companhia de Variedades Troupe Olympian, da Companhia Dramática Portuguesa e da Companhia Alzira Leão, dirigida pela "conhecida e aplaudida atriz Sra. Alzira Leão" (Amaral, 2020). Na descrição dos dois primeiros espetáculos, uma nota elogiosa destacava o local das apresentações dos bonecos, os cenários e, como não poderia deixar de ser, a atuação de Briguella:

> Depois de um intervalo de muitos anos, voltou a visitar-nos "o Briguella", aparatosa companhia de fantoches, sob a hábil direção do sr. H. Fornero.
> O primeiro espetáculo foi no dia 21, no Cinema Oliveirense, com o drama "José o bom soldado", terminado com um grande baile que, diga- se a verdade, foi bom.
> O drama agradou muito a criançada que se riu a bandeiras despregadas. Ontem subiu a cena grande mágica "Fada Morgana" com o mesmo sucesso.
> O cenário é muito lindo e de grande efeito, com mutações rápidas, apoteoses e mais maravilhas.
> Os fantoches vão bem, principalmente o Briguella que distribui bordoada a torto e a direito.
> É mesmo da á virada este Briguella! (Gazeta de Minas, Oliveira, 24 dez. 1916, p. 1).

Na sequência das atividades do grupo em Oliveira, os bonecos receberam novos elogios, acompanhados de indícios adicionais do progresso estrutural da companhia. Uma dessas menções registrava: "Continua a dar os seus espetáculos no Cinema Oliveirense a Companhia dos Fantoches, ostentando sempre belos cenários, sendo o Briguella o herói de todas as peças, porque, quando não vai pelas razões persuasivas, vai pelo bambu" (Gazeta de Minas, Oliveira, 31 dez. 1916, p. 1). Tais referências sugerem que o empreendimento do sr. Henrique Fornero alcançou prosperidade comercial ao longo dos anos, transformando tanto o perfil das apresentações no palco quanto o do público pagante nas casas de espetáculos. Esse processo já se delineava na turnê realizada no Largo da Memória, em Niterói, e nos anúncios pagos em periódicos fluminenses; ganhou contornos mais definidos com as excursões pelo interior paulista, em locais que sugerem prestígio artístico, como o Cinema-Teatro de Lorena; e consolidou-se com o retorno a Minas, quando a companhia passou a ser reconhecida nas notas jornalísticas pela qualidade, beleza e ostentação do pavilhão, das peças e dos cenários.

Considerações Finais

A partir de janeiro de 1917, com a turnê realizada na cidade de Oliveira, as informações sobre novas excursões da Companhia de Fantoches Briguella desaparecem das fontes jornalísticas das décadas seguintes. Nem o nome da companhia nem o de seu fundador, Henrique Fornero, voltam a figurar nos periódicos consultados, o que indica que o empreendimento provavelmente tenha encerrado suas atividades naquele período. Chama a atenção que a repentina dissolução dos espetáculos tenha ocorrido justamente no momento em que o grupo de títeres havia realizado uma série de investimentos

estruturais e artísticos que, de alguma forma, contribuíram para minimizar a precariedade e o improviso característicos dos primeiros anos de sua fundação.

Não foram encontradas pistas que justifiquem tal desfecho. Pouco mais de uma década antes, outra companhia de fantoches também encerrava suas atividades: a Companhia de Fantoches João Minhoca. Nesse caso, por meio da conhecida crônica de João do Rio, que narra um encontro com João Baptista, fundador da trupe, publicada pela primeira vez na *Revista Kosmos* (1905) e incluída mais tarde no livro *Vida Vertiginosa* (1911), encontram-se indícios valiosos do que o cronista chamou de "a morte irreparável do boneco, símbolo da nossa vida e da alegria das crianças de ontem". Na conversa entre ambos, no encerramento de seu "último espetáculo", "o alegre agitador da nossa meninice", ao narrar sua trajetória com os bonecos, afirmou que "já não se pode mais apresentar", oferecendo duas justificativas para essa decisão: primeiro, "os bonecos pagavam tantos impostos como os teatros sérios"; segundo, "a invasão estrangeira, o *guignol* aparecera" (Rio, 1911, p. 295). Assim, diante dos custos elevados para a manutenção do empreendimento (impostos) e da concorrência dos casteletes públicos de inspiração francesa (*guignol*) (Pessoa, 2018), o próprio Baptista concluía: "Já não tenho voz, já não tenho graça" (Rio, 1911, p. 295).

No caso de Henrique Fornero, a atuação do Briguella e dos demais personagens foi bem mais duradoura, talvez a companhia de fantoches mais longeva do período em estudo. Possíveis explicações para o "fim de um símbolo" de persistência, que manteve viva por mais de duas décadas a tradição do teatro de bonecos, devem ser buscadas na configuração desse gênero cênico no período em que desapareceu, entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920. Para tanto, algumas questões se mostram centrais: como se estruturava o mercado de espetáculos de fantoches nesse período?

Quais companhias estavam ativas no país e quais eram as características de seus repertórios e de seus públicos? O teatro de bonecos mantinha prestígio e credibilidade junto ao público ou passava por um processo de desgaste comercial? Somente com a incursão de novos trabalhos, abarcando o rastreio e o uso de novas fontes, será possível traçar um panorama mais completo da trajetória da Companhia de Fantoches Briguella e do contexto histórico que levou ao seu desaparecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro Antônio de. Mecanismos de busca em Hemerotecas Digitais Nacionais: possibilidades e desafios para pesquisa histórica. **Revista Fênix**, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 1-17, 2013.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. **Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925. 2020**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Espetáculos de fantoches em Minas Gerais no final do século XIX. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 29, e2423648, p. 1-22, 2024.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; SILVEIRA, Luana Torres Ramos; NUNES, Fábio Santana. Turnês artísticas da Companhia Fantoches Mexicanos em Minas Gerais na década final do século XIX. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Montes Claros, v. 2, n. 2, p. 66-84, 2025.

FREIRE, Susanita. **O fim de um símbolo**: Theatro João Minhoca - Companhia Authomatica. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

NICOLL, Allardyce. **The World of Harlequin**: a critical study of the commedia dell'arte. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro**: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina**: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PESSOA, Ana. O Teatro de Bonecos na Belle-Époque carioca. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, v. 1, n. 3, p. 190-206, 2018.

POSTAL, Ricardo. A Commedia dell'arte e seus influxos. **Revista Kalíope**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 91-111, 2011.

RIO, João do. **Vida Vertiginosa**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

FONTES

A Folha Nova, Rio de Janeiro, 17 dez. 1883, p. 2.

A Lei, São João Nepomuceno, 11 jul. 1897, p. 2.

A Província de Minas, Ouro Preto, 21 ago. 1884, p. 3.

Correio Paulistano, São Paulo, 1 mar. 1913, p. 4.

Correio Paulistano, São Paulo, 15 jan. 1907, p. 7.

Correio Paulistano, São Paulo, 15 mai. 1904, p. 3.

Correio Paulistano, São Paulo, 5 maio 1906, p. 2.

Correio Paulistano, São Paulo, 7 maio 1912, p. 2.

Gazeta de Minas, Oliveira, 19 nov. 1916, p. 1.

Gazeta de Minas, Oliveira, 24 dez. 1916, p. 1.

Gazeta de Minas, Oliveira, 31 dez. 1916, p. 1.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 11 dez. 1898, p. 2.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 ago. 1899, p. 2.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 20 nov. 1898, p. 1.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 27 nov. 1898, p. 1.

Gazeta de Oliveira, Oliveira, 9 out. 1899, p. 2.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 jan. 1904, p. 3.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1 out. 1890, p. 3.

O Estado de Minas, Ouro Preto, 10 jan. 1896, p. 1.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 22 out. 1903, p. 4.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 24 out. 1903, p. 4.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 27 out. 1903, p. 3

O Fluminense, Rio de Janeiro, 31 out. 1903, p. 2.

O Fluminense, Rio de Janeiro, 31 out. 1903, p. 3.

O Monitor do Norte, Diamantina, 6 fev. 1876, p. 4.

O Município, Diamantina, 15 jun. 1895, p. 1.

O Município, Diamantina, 22 jun. 1895, p. 2

O Paiz, Rio de Janeiro, 18 out. 1903, p. 2

O Paiz, Rio de Janeiro, 22 out. 1903, p. 4.

O Paiz, Rio de Janeiro, 23 out. 1903, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 13 mai. 1884, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 15 mai. 1890, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 16 dez. 1882, p. 3.

O Pharol, Juiz de Fora, 17 mai. 1890, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 20 mai. 1884, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 20 mar. 1892, p. 3.

O Pharol, Juiz de Fora, 21 mai. 1890, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 24 nov. 1886, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 25 jan. 1902, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 26 jan. 1902, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 28 jan. 1902, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 29 abr. 1890, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora, 5 fev. 1902, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 8 fev. 1902, p. 2.

O Pharol, Juiz de Fora, 8 mar. 1891, p. 1.

O Pharol, Juiz de Fora,31 mar. 1883, p. 1.

O Resistente, São João del-Rei, 20 out. 1898, p. 2.

O Resistente, São João del-Rei, 27 out. 1898, p. 2.

Endereço dos(a) Autores(a):

Laís Vitória da Silva Fernandes
Endereço eletrônico: fernandeslais3512@gmail.com

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral
Endereço eletrônico: dvoamaral@gmail.com

Fábio Santana Nunes
Endereço eletrônico: fsnunes@uefs.br